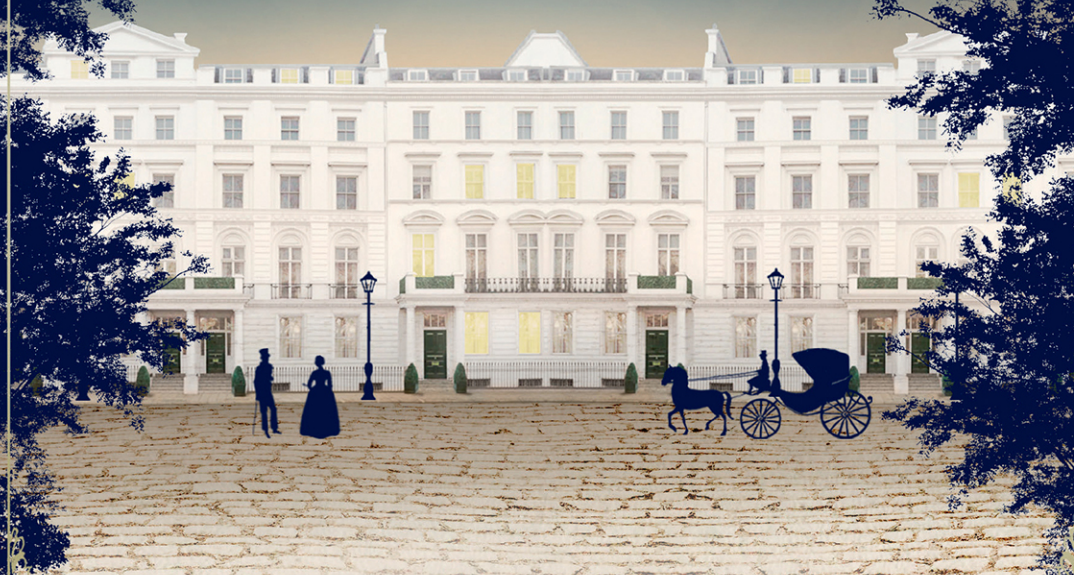


Do criador de  
DOWNTON ABBEY



# JULIAN FELLOWES

## *Belgravia*



Uma história de segredos e escândalos  
na Londres dos anos 1840



*Belgravia*



# JULIAN FELLOWES

## *Belgravia*

Consultora editorial IMOGEN EDWARDS-JONES

Consultora histórica LINDY WOODHEAD

TRADUÇÃO DE RACHEL AGAVINO



Copyright © The Orion Publishing Group Limited 2016.  
JULIAN FELLOWES'S é uma marca não registrada de Julian Fellowes e é usada pela editora sob licença.  
BELGRAVIA é uma marca registrada de The Orion Publishing Group Limited.  
Lindy Woodhead trabalhou como consultora para assuntos históricos em *Belgravia*, criação de Julian Fellowes.  
Imogen Edwards-Jones trabalhou como consultora editorial em *Belgravia*, criação de Julian Fellowes.  
Publicado primeiramente em 2016 na Grã-Bretanha por Weidenfeld & Nicolson.

TÍTULO ORIGINAL

Belgravia

REVISÃO

Juliana Souza  
Juliana Pitanga  
Juliana Werneck

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

The Orion Publishing Group

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Márcia Quintella

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F37b

Fellowes, Julian, 1949-

Belgravia / Julian Fellowes ; tradução Rachel Agavino. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

432 p. ; 23 cm.

Tradução de: Belgravia

ISBN 978-85-510-0007-6

1. Classe alta - Inglaterra - Ficção. 2. Londres (Inglaterra) - Usos e costumes - Século XIX - Ficção. 3. Romance inglês. I. Agavino, Rachel. II. Título.

16-32846

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2016]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para a minha esposa Emma.  
Sem ela nada na minha vida seria possível.*





Capítulo 1

*Dançando para a batalha*





O passado, como já foi dito tantas vezes, é um país estrangeiro no qual as coisas eram feitas de forma diferente. Isso pode ser verdade — de fato, evidentemente é verdade quando se trata de moral ou de costumes, do papel das mulheres, do governo aristocrático e de um milhão de outros elementos de nossa vida diária. Mas também há semelhanças. A ambição, a inveja, a raiva, a avareza, a bondade, o altruísmo e, sobretudo, o amor sempre foram e sempre serão poderosos a ponto de motivar as nossas escolhas. Esta é uma história sobre pessoas que viveram há dois séculos e, ainda assim, muito do que elas desejaram, muito do que se ressentiam e as paixões arrebatadoras em seus corações eram bastante parecidas com os dramas que vivemos agora, em nosso tempo...



Não parecia uma cidade prestes a entrar em guerra; muito menos a capital de um país que tinha sido tomado de um reino e anexado por outro apenas três meses antes. Bruxelas, em junho de 1815, poderia ter

estado *en fête*, com barracas coloridas e cheias nos mercados e carruagens abertas pintadas circulando pelas avenidas largas, levando grandes damas e suas filhas a compromissos sociais urgentes. Ninguém teria imaginado que o imperador Napoleão estava em marcha e montaria acampamento na fronteira da cidade a qualquer instante.

Nada disso era do interesse de Sophia Trenchard, enquanto andava pela multidão de uma forma determinada que não correspondia aos seus dezoito anos. Como qualquer jovem bem-educada, especialmente em uma terra desconhecida, ela estava acompanhada por sua criada, Jane Croft, que, aos vinte e dois, era quatro anos mais velha que sua senhora. Mesmo assim, se fosse para apontar qual delas protegia a outra de um esbarrão com algum pedestre, a escolhida seria Sophia, que parecia pronta para qualquer coisa. Ela era bonita, muito bonita mesmo, de um jeito inglês clássico, loura de olhos azuis, mas seus lábios, como vidro lapidado, deixavam claro que essa garota em particular não precisaria da permissão de nenhuma mamãe para embarcar em uma aventura.

— Apresse-se, ou ele vai ter saído para o almoço e nossa viagem terá sido em vão — ordenou Sophia.

Ela estava naquele período da vida pelo qual quase todo mundo deve passar, quando a infância terminou e uma maturidade falsa, sem os impedimentos da experiência, dá à pessoa a sensação de que tudo é possível, até que a chegada da idade adulta prova que definitivamente não é.

— Estou indo o mais rápido que posso, senhorita — murmurou Jane, e, como se para provar suas palavras, um enorme hussardo passou correndo e esbarrou na criada, empurrando-a para trás, sem nem ao menos parar a fim de verificar se ela estava machucada. — É como um campo de batalha, aqui.

Jane não era bonita, como sua jovem senhora, mas tinha um rosto vivaz, forte e corado, mais adequado às vielas dos campos do que às ruas da cidade. Era bastante determinada, a seu próprio modo, e Sophia gostava dela por isso.

— Não seja tão fraca.

Sophia tinha quase chegado ao seu destino, saindo da rua principal e entrando em um terreno que poderia ter sido um mercado de

gado, mas que fora tomado pelo Exército para ser usado aparentemente como depósito de suprimentos. Grandes carroças descarregavam caixas, sacos e engradados que eram transportados para os armazéns ao redor, e parecia haver um fluxo constante de oficiais de todos os regimentos, conferindo e às vezes discutindo enquanto andavam em grupos. A chegada de uma garota notável e sua criada naturalmente chamou atenção, e as conversas, por um momento, diminuíram e quase cessaram.

— Por favor, não se incomodem — disse Sophia, olhando ao redor com calma. — Estou aqui para ver meu pai, o Sr. Trenchard.

Um rapaz deu um passo à frente.

— Sabe o caminho, Srta. Trenchard?

— Sei. Obrigada.

Ela foi em direção a uma entrada do prédio principal que parecia um pouco mais importante, seguida por uma trêmula Jane, e subiu a escada para o andar superior. Lá encontrou mais oficiais, aparentemente esperando ser admitidos, mas esta era uma cortesia à qual Sophia não estava preparada para se sujeitar. Ela abriu a porta.

— Espere aqui — disse.

Jane ficou para trás, desfrutando da curiosidade dos homens.

A sala em que Sophia entrou era grande, iluminada e espaçosa, com uma bela mesa de mogno e outros móveis em harmonia com o estilo, mas era um cenário para o comércio, não para a sociedade, um local de trabalho, e não de diversão. A um canto, um homem corpulento com quarenta e poucos anos repreendia um oficial impecavelmente uniformizado.

— Quem ousa me interromper? — Ele se virou, mas, ao ver a filha, seu humor mudou e um sorriso cativante iluminou seu rosto vermelho de raiva. — Tudo bem? — perguntou. Mas ela olhou para o oficial. Seu pai assentiu. — Capitão Cooper, queira me dar licença.

— Está tudo bem, Trenchard...

— Trenchard?

— Sr. Trenchard. Mas devemos receber a farinha esta noite. Meu comandante me fez prometer que não voltaria sem ela.

— E prometo fazer meu melhor, capitão.

O oficial estava claramente irritado, mas era obrigado a aceitar isso, já que não ia conseguir nada melhor. Com um aceno de cabeça ele se retirou, e o pai ficou sozinho com a filha.

— Você entendeu?

Sua empolgação era palpável. Havia algo encantador no entusiasmo deste mestre de negócios gordo e careca, que de repente ficou tão animado quanto uma criança em véspera de Natal.

Muito devagar, espremendo até a última gota daquele momento, Sophia abriu sua bolsinha de mão e cuidadosamente pegou alguns pedaços quadrados de papelão branco.

— Tenho três — disse ela, saboreando a ocasião —, um para você, outro para mamãe e um para mim.

Ele quase os arrancou da mão da filha. Se tivesse passado um mês sem comida ou água, não estaria mais ansioso. A impressão em cobre era simples e elegante.



Ele olhou para o cartão.

— Suponho que lord Bellasis jantará lá.

— Ela é tia dele.

— É claro.

— Não haverá jantar. Não um propriamente dito. Apenas algo para a família e algumas pessoas que estão hospedadas com eles.

— Sempre dizem que não haverá jantar, mas em geral há.

— Você não esperava ser convidado?

Ele tinha sonhado com isso, mas não esperava que acontecesse.

— Não, não. Estou satisfeito.

— Edmund diz que deve haver uma ceia em algum momento após a meia-noite.

— Não o chame de Edmund na frente de ninguém além de mim. — Ainda assim, ele estava de bom humor de novo, a decepção momentânea já havia sido deixada de lado. — Você deve voltar para sua mãe. Ela vai precisar de cada minuto para se preparar.

Sophia era muito jovem e muito cheia de desmerecida confiança para entender plenamente a enormidade do que havia conseguido. Além disso, ela era mais prática para essas coisas do que seu pai impressionável.

— É tarde demais para fazer algo.

— Mas não para que as coisas atendam ao padrão.

— Ela não vai querer ir.

— Ela vai, porque deve ir.

Sophia começou a se encaminhar para a porta, mas então outro pensamento lhe ocorreu.

— Quando vamos contar a ela? — perguntou, olhando para o pai.

Ele foi pego de surpresa pela pergunta e começou a mexer nos berloques de ouro da corrente de seu relógio. Foi um momento estranho. As coisas ainda estavam exatamente como um instante antes, mas, mesmo assim, de algum modo, o tom e a essência haviam mudado. Teria ficado claro para qualquer observador de fora que o assunto que eles estavam discutindo de repente era mais sério do que a escolha das roupas para o baile da duquesa.

Trenchard foi muito enfático em sua resposta:

— Em algum momento. Tudo deve ser bem administrado. Devemos tomar o comando dele. Agora vá. E mande aquele bobo alegre entrar de novo.

Sua filha saiu da sala e fez o que lhe fora dito, mas, na ausência dela, James Trenchard continuou curiosamente preocupado. Havia gritos na rua, então

ele foi até a janela e se deparou com um oficial e um comerciante discutindo. Então a porta se abriu, e o capitão Cooper entrou. Trenchard assentiu para ele. Era hora de cuidar dos negócios, como de costume.



Sophia estava certa. Sua mãe não queria ir ao baile.

— Só fomos convidados porque alguém declinou.

— Que diferença faz?

— Não vejo sentido nisso. — A Sra. Trenchard balançou a cabeça. — Não conheceremos vivalma lá.

— Papai conhecerá.

Havia momentos em que Anne Trenchard ficava irritada com os filhos. Eles sabiam muito pouco da vida, apesar do ar de superioridade. Tinham sido mimados desde a infância, estragados pelo pai, até que ambos tomaram a própria boa sorte como garantida e mal pensavam nela. Eles não sabiam nada sobre a jornada que seus pais haviam empreendido para atingir a posição atual, enquanto a mãe se lembrava de cada mínimo passo em terreno pedregoso.

— Ele conhecerá alguns oficiais que vão ao seu local de trabalho para lhe dar ordens. Eles, por sua vez, ficarão surpresos ao perceber que estão compartilhando um salão de baile com o homem que fornece pão e cerveja a seus soldados.

— Espero que não fale assim com lorde Bellasis.

O rosto da Sra. Trenchard se suavizou um pouco.

— Minha querida. — Ela pegou a mão da filha. — Cuidado com as falsas expectativas.

Sophia puxou os dedos de volta e disse:

— Claro que você não acredita que ele seja capaz de boas intenções.

— Pelo contrário, tenho certeza de que lorde Bellasis é um homem honrado. Sem dúvida ele é muito agradável.

— Está bem, então.

— Mas ele é o filho mais velho de um conde, minha filha, com todas as responsabilidades que tal posição implica. Ele não pode escolher



a própria esposa apenas de acordo com o coração. Não estou zangada. Vocês são jovens e bonitos, e desfrutaram de um breve flerte que não prejudicou nenhum dos dois. Até agora. — Sua ênfase nas duas últimas palavras foi uma indicação clara de aonde queria chegar. — Mas isso deve terminar antes que haja qualquer conversa prejudicial, Sophia, ou você vai ser a única a sofrer, não ele.

— E o fato de que ele tenha conseguido para nós convites para o baile da tia não lhe diz nada?

— Isso me diz que você é uma menina encantadora e que ele deseja agradá-la. Não teria conseguido isso em Londres, mas em Bruxelas tudo é colorido pela guerra, e por isso as regras normais não se aplicam.

A última frase irritou Sophia mais do que qualquer outra.

— Você quer dizer que, pelas regras normais, não somos convidados aceitáveis para os amigos da duquesa?

A Sra. Trenchard era, à sua maneira, tão forte quanto a filha.

— É exatamente isso que quero dizer, e você sabe que é verdade.

— Papai não concordaria.

— Seu pai percorreu com sucesso um longo caminho, mais longo do que a maioria das pessoas poderia imaginar, por isso ele não vê as barreiras naturais que o impediriam de ir além. Contente-se com quem somos. Seu pai tem se saído muito bem no mundo. Você deveria se orgulhar.

A porta se abriu e a criada da Sra. Trenchard entrou, carregando um vestido para a noite.

— Cheguei cedo demais, senhora?

— Não, não, Ellis. Entre. Já terminamos, não é?

— Se você diz, mamãe.

Sophia saiu do quarto, mas a posição de seu queixo não demonstrava que ela havia sido derrotada.

Era evidente, pela forma que cumpria com suas obrigações em um silêncio incisivo, que Ellis estava morrendo de curiosidade a respeito do motivo da agitação, mas Anne a deixou sofrer por alguns minutos antes de falar, esperando enquanto a criada desabotoava seu vestido da tarde, permitindo que ela o deslizesse por seus ombros.

— Fomos convidados para o baile da duquesa de Richmond no dia quinze.

— Não! — Mary Ellis em geral era especialista em manter ocultos os sentimentos, mas esta informação surpreendente a pegou desprevenida. Ela logo se recuperou. — Quer dizer, devemos pensar no seu vestido, senhora. Vou precisar de tempo para prepará-lo, se for só isso.

— Que tal o de seda azul-escuro? Não o usei muito nesta temporada. Talvez você consiga encontrar uma renda preta para a área do pescoço e mangas para dar um pouco de vida a ele.

Anne Trenchard era uma mulher prática, mas não totalmente desprovida de vaidade. Ela mantivera a forma e, com seu perfil elegante e seu cabelo castanho-avermelhado, certamente poderia ser considerada bonita. Só não permitia que o fato de saber disso a tornasse uma tola.

Ellis se ajoelhou para abrir um vestido noturno de tafetá cor de palha para que sua senhora entrasse nele.

— E as joias, senhora?

— Na verdade ainda não pensei nisso. Vou usar o que tenho, acho.

Ela se virou para permitir que a criada começasse a fechar o vestido com botões dourados até a base das costas. Havia sido firme com a filha, mas não se arrependia. Sophia vivia em um sonho, como o pai, e os sonhos poderiam colocar uma pessoa em apuros, se não tomasse cuidado. Quase sem querer, Anne sorriu. Ela disse que James tinha percorrido um longo caminho, mas às vezes duvidava que inclusive Sophia soubesse quão extenso havia sido.

— Imagino que lorde Bellasis tenha arranjado os convites para o baile — disse Ellis olhando para cima, enquanto estava abaixada aos pés de Anne Trenchard, trocando os sapatos dela.

A suposição irritou sua senhora. Por que uma empregada comentaria em voz alta sua suposição sobre como eles haviam sido incluídos em uma lista de convidados tão olimpiana? Ou sobre por que tinham sido convidados para qualquer coisa, aliás. Ela preferiu ignorar. Mas isso a fez refletir sobre a estranheza de suas vidas em Bruxelas e de como as coisas tinham mudado para eles desde que James havia chamado a atenção do grão-duque de Wellington. Era verdade que não importava a escassez,

qualquer que fosse a ferocidade dos combates ou como o campo tinha sido reduzido, James sempre conseguia arranjar suprimentos de algum lugar. O duque o chamava de “o Mágico”, e ele era mesmo, ou parecia ser. Mas o sucesso só tinha alimentado sua ambição excessiva para escalar as inescaláveis alturas da sociedade, e sua ascensão social estava aumentando essa ambição. James Trenchard, filho de um comerciante, com quem Anne tinha sido proibida de se casar pelo pai, achava que era a coisa mais natural do mundo que eles fossem entretidos por uma duquesa. Ela teria chamado suas ambições de ridículas, exceto pelo fato de que tinham o estranho hábito de se tornar realidade.

Anne havia sido muito mais bem-educada que seu marido — como filha de professora, não poderia ser diferente — e, quando eles se conheceram, o nível social dela estava vertiginosamente acima do dele, mas sabia muito bem que agora ele a havia ultrapassado. Na verdade, ela começava a se perguntar por quanto tempo ainda conseguiria acompanhar a fantástica ascensão do marido; ou, quando os filhos estivessem criados, se ela deveria se retirar para uma simples casa de campo e deixá-lo para escalar a montanha sozinho. Ellis, naturalmente, estava ciente de que o silêncio de sua senhora significava que ela havia falado demais. Pensou em dizer algo lisonjeiro para voltar ao seu lugar, mas então decidiu permanecer em silêncio e deixar que a tempestade abrandasse.

A porta se abriu e James olhou ao redor.

— Então ela lhe contou? Ele conseguiu.

Anne olhou para a criada.

— Obrigada, Ellis. Se você puder voltar daqui a pouco...

Ellis se retirou. James não continha o sorriso.

— Você me critica por ter ideias que estão acima da minha posição, mas a maneira que dispensa a empregada me faz lembrar da própria duquesa.

Anne se enfureceu.

— Espero que esteja enganado.

— Por quê? O que você tem contra ela?

— Não tenho nada contra ela, simplesmente porque não a conheço, nem você. — Anne estava ansiosa para injetar uma dose de realidade

nesse disparate absurdo e perigoso. — É por isso que não devemos nos permitir ser empurrados em cima da pobre mulher, ocupando lugares em seu salão de baile lotado que deveriam ser dados às pessoas do círculo social dela.

Mas James estava muito eufórico para se deixar abater.

— Está falando sério?

— Estou, mas sei que você não vai me ouvir.

Ela tinha razão. Não podia esperar reduzir a alegria dele.

— É uma oportunidade e tanto, Annie. Sabia que o duque vai estar lá? Dois duques, aliás. Meu comandante e o marido da nossa anfitriã.

— Imagino.

— E príncipes regentes, também. — Ele parou, estava prestes a explodir de entusiasmo com tudo aquilo. — James Trenchard, que começou com uma barraca em Covent Garden, deve dançar com uma princesa.

— Você não vai tirar ninguém para dançar. Só constrangeria a nós dois.

— Veremos.

— Estou falando sério. Já é ruim o suficiente você encorajar Sophia. James franziu a testa.

— Você não acredita, mas o rapaz é sincero. Tenho certeza disso.

Anne balançou a cabeça com impaciência.

— Não é nada disso. Lorde Bellasis pode até achar que é sincero, mas ele está fora do alcance dela. Ele não manda em si mesmo e nada de bom pode vir disso.

Houve um estrépito nas ruas, e ela foi investigar. As janelas de seu quarto tinham vista para uma grande e movimentada avenida. Lá embaixo, alguns soldados em uniformes escarlate, com o sol ricocheteando nos alamares dourados, passavam marchando. Que estranho, pensou ela, com a iminência de um combate ao redor, que estejamos discutindo sobre um baile.

— Não sei, não.

James não abriria mão das próprias fantasias facilmente.

Anne se afastou da janela. Seu marido estava com a expressão de um menino de quatro anos encurralado.

— Bem, eu sei. E se ela se machucar por causa desse absurdo, o responsável será você.

— Muito bem.

— E quanto a chantagear o pobre rapaz para ele implorar convites à tia, isso é tão indescritivelmente humilhante!

James tinha escutado o suficiente.

— Você não vai estragar isso. Não vou permitir.

— Não preciso estragar. Isso vai se estragar sozinho.

Esse foi o fim. Ele saiu de forma tempestuosa para trocar de roupa para jantar e ela tocou a sineta para que Ellis voltasse.

Anne estava infeliz consigo mesma. Ela não gostava de brigar e havia algo sobre todo aquele episódio que a fazia se sentir minada. Gostava de sua vida. Eles eram ricos agora, bem-sucedidos, requisitados na comunidade comercial de Londres e ainda assim James insistia em arruinar tudo por sempre querer mais. Ela seria empurrada para uma quantidade interminável de salas, onde não eram bem-vindos ou apreciados. Ela seria obrigada a conversar com homens e mulheres que secretamente — ou não tão secretamente — os desprezavam. E tudo isso quando, se James ao menos permitisse, poderiam viver em um ambiente de conforto e respeito. Mas mesmo enquanto pensava nessas coisas, ela sabia que não conseguiria conter o marido. Ninguém conseguiria. Essa era a natureza do homem.



Tanta coisa foi escrita sobre o baile da duquesa de Richmond ao longo dos anos que o evento assumiu o esplendor e a majestade da cerimônia de coroação de uma rainha medieval. Figurou em todos os tipos de ficção, e cada representação visual da noite tem sido mais chamativa do que a anterior. A pintura de 1868 de Henry O'Neill mostra o baile se desenvolvendo em um palácio grande e lotado, ladeado por enormes colunas de mármore, com centenas de convidados aparentemente chorando de tristeza e terror e parecendo mais glamourosos do que os integrantes de um coro em Drury Lane. Como tantos momentos icônicos da história, a realidade foi bem diferente.

Os Richmond tinham chegado a Bruxelas, em parte, como um exercício de redução de despesas, para manter o custo de vida baixo passando alguns anos no exterior e, em outra, como demonstração de solidariedade para com seu grande amigo, o duque de Wellington, que tinha feito dali seu quartel-general. Ao próprio Richmond, ex-soldado, fora dada a tarefa de organizar a defesa de Bruxelas, se o pior acontecesse e o inimigo invadissem o país. Ele aceitou. Sabia que o trabalho seria em grande parte administrativo, mas precisava ser realizado e lhe daria a satisfação de sentir que fazia parte do esforço de guerra, não de ser simplesmente um espectador ocioso. Como ele sabia muito bem, existiam muitos desses na cidade.

Havia poucos palácios em Bruxelas, e a maioria já estava ocupada, então eles foram acomodados em uma casa anteriormente ocupada por uma empresa moderna de carruagens. Ficava na Rue de la Blanchisserie, literalmente “a rua da lavanderia”, fazendo com que Wellington batizasse a nova casa dos Richmond de Wash House, uma piada da qual a duquesa gostou um pouco menos que o marido. O que seria o salão de exibição da empresa de carruagens era uma grande estrutura, parecida com um celeiro, à esquerda da porta da frente, que ia até um pequeno escritório onde os clientes antes discutiam sobre estofados e outros acréscimos opcionais, mas que as memórias da terceira filha dos Richmond, lady Georgiana Lennox, transformaram em uma “antessala”. O espaço onde as carruagens ficavam expostas tinha sido revestido por papel de parede com rosas em treliças, e o cômodo era grande o suficiente para receber um baile.

A duquesa de Richmond tinha levado toda a família consigo para o continente, e as meninas, especialmente, estavam ansiosas por alguma diversão, por isso uma festa fora planejada. Assim, no início de junho, Napoleão, que havia fugido do exílio em Elba no início daquele ano, deixou Paris e veio procurar as forças aliadas. A duquesa tinha perguntado a Wellington se não havia problema em ela prosseguir com seus planos, e ele lhe assegurou que não. Na verdade, era desejo expresso do duque que o baile acontecesse, como uma demonstração do sangue-frio inglês, para deixar claro que nem mesmo as damas se incomodavam com

a ideia do imperador francês em marcha e que se recusavam a adiar o próprio entretenimento. Mas, claro, estava tudo muito bem...



— Espero que isto não seja um erro — disse a duquesa pela vigésima vez em uma hora, dando uma olhada no espelho.

Ficou bastante satisfeita com o que viu: uma bela mulher de meia-idade vestindo seda bege-clara e ainda capaz de atrair olhares. Seus diamantes eram soberbos, mesmo que houvesse alguma discussão entre seus amigos, que se perguntavam se os originais tinham sido substituídos por réplicas como parte da economia.

— Tarde demais para esse tipo de conversa. — O duque de Richmond se sentia um pouco satisfeito por estar naquela situação. Eles tinham visto Bruxelas como uma espécie de fuga do mundo, mas, para sua surpresa, o mundo viera com eles. E agora sua esposa estava dando uma festa com uma lista de convidados que dificilmente podia ser igualada à de Londres, com a cidade se preparando para o som do canhão francês. — Foi um jantar muito bom. Não vou conseguir comer a ceia, quando for servida.

— Vai, sim.

— Estou ouvindo uma carruagem. É melhor descermos.

O duque era um homem agradável, um pai querido e afetuoso, adorado por seus filhos e forte o suficiente para se casar com uma das filhas da notória duquesa de Gordon, cujas travessuras tinham alimentado as fofocas da Escócia por anos. Ele estava ciente de que, na época, muitos acharam que ele poderia ter feito uma escolha mais fácil, e provavelmente ter levado uma vida mais fácil, mas, considerando-se tudo, não se arrependia. Sua esposa era extravagante — isso era indiscutível —, mas tinha boa índole, uma bela aparência e era inteligente. Ele estava feliz por tê-la escolhido.

Algumas pessoas haviam chegado cedo na pequena sala de estar, a antessala de Georgiana, pela qual todos os convidados eram obrigados a passar a caminho do salão de baile. Os floristas tinham feito um bom trabalho, com enormes arranjos de rosas de um tom claro de cor-de-

-rosa e lírios brancos, todos com os estames devidamente cortados para poupar as mulheres de manchas de pólen, cercados por folhagem alta em tons de verde, dando às instalações da empresa de carruagens uma grandeza que lhe faltava à luz do dia, e o brilho dos vários candelabros lançavam em quem passava uma luz sutilmente lisonjeira.

O sobrinho da duquesa, Edmund, visconde Bellasis, estava falando com Georgiana. Eles se aproximaram dos pais dela.

— Quem são essas pessoas que Edmund a obrigou a convidar? Por que não os conhecemos?

Lorde Bellasis interrompeu:

— Vai conhecê-los esta noite.

— Você não é muito sociável — disse Georgiana.

A duquesa tinha as próprias suspeitas e já lamentava a generosidade do lorde.

— Espero que sua mãe não se zangue comigo.

Ela tinha lhe dado os convites sem nem pensar, mas um momento de reflexão a convencera de que a irmã ia mesmo ficar muito aborrecida.

Como se aproveitasse a deixa, a voz do mordomo soou:

— Sr. e Sra. James Trenchard. Srta. Sophia Trenchard.

O duque olhou para a porta.

— Você convidou o Mágico? — perguntou ele. Sua esposa parecia confusa. — O principal fornecedor de Wellington. O que ele está fazendo aqui?

A duquesa se virou para o sobrinho, severa:

— O fornecedor de provisões do duque de Wellington? Convidei um comerciante para o meu baile?

Lorde Bellasis não era tão facilmente derrotado:

— Minha querida tia, você convidou um dos ajudantes mais fiéis e eficientes do duque em sua luta pela vitória. Acho que qualquer britânico leal ficaria orgulhoso de receber o Sr. Trenchard na própria casa.

— Você me enganou, Edmund. E não gosto de ser feita de boba.

Mas o rapaz já tinha ido saudar os recém-chegados. A duquesa olhou para o marido, que estava se divertindo bastante com a irritação dela.



— Não me olhe assim, querida. Não fui eu que os convidei. Foi você. E tem de admitir que ela é bonita.

Pelo menos isso era verdade. Sophia estava mais linda do que nunca.

Não houve tempo de dizer mais nada antes que os Trenchard estivessem diante deles. Anne falou primeiro:

— É muita gentileza da sua parte, duquesa.

— Imagine, Sra. Trenchard. Suponho que vocês têm sido muito gentis com meu sobrinho.

— É sempre um prazer ver lordes Bellasis.

A escolha de Anne fora boa. Ela estava muito digna de seda azul, e Ellis havia encontrado uma renda fina para enfeitar o vestido. Seus diamantes podiam não fazer frente a vários do salão, mas eram perfeitamente respeitáveis.

A duquesa sentiu-se mais calma.

— É difícil para os rapazes, tão longe de casa — disse ela, num tom agradável o bastante.

James vinha lutando com sua certeza de que a duquesa deveria ser chamada de “Sua Graça”. Mesmo que sua esposa tivesse falado e ninguém parecesse ter se ofendido, ele ainda não estava seguro. Abriu a boca...

— Ora, se não é o Mágico. — Richmond sorriu jovialmente. Não foi possível dizer se ficou surpreso por encontrar o comerciante em sua sala de estar. — Você lembra que fizemos alguns planos caso os reservistas fossem chamados às armas?

— Lembro muito bem, Sua... sua programação, quero dizer. Duque.

James disse a última palavra como uma entidade completamente separada, sem ter nada a ver com o resto da conversa. Como se de repente jogasse uma pedra em um rio calmo. As oscilações de seu comportamento estranho pareceram refrear todos por alguns momentos constrangedores.

Anne assumiu o comando:

— Posso apresentar minha filha, Sophia?

Sophia fez uma reverência para a duquesa, que a olhou de cima a baixo como se estivesse comprando um pernil de veado para o jantar,

o que, naturalmente, ela nunca faria. Podia ver que a garota era bonita, e muito graciosa a seu modo, mas um olhar para o pai a lembrou outra vez muito claramente que aquilo estava fora de questão. Temia que a irmã ficasse sabendo desta noite e a acusasse de encorajar isso. Mas Edmund com certeza não estava levando aquilo a sério, não é? Ele era um rapaz sensato e nunca tinha causado nenhum problema.

— Srta. Trenchard, permita-me que eu a conduza ao salão de baile.

Edmund tentou se manter tranquilo ao fazer o convite, mas não conseguiu enganar a tia, que era muito experiente com as coisas do mundo para se distrair com sua ceninha de indiferença. Na verdade, a duquesa ficou desapontada ao ver a moça passar o braço pelo dele e os dois saírem juntos, conversando em sussurros como se já pertencessem um ao outro.

— Major Thomas Harris.

Um rapaz muito bonito fez uma ligeira reverência para os anfitriões quando Edmund disse seu nome.

— Harris! Eu não esperava vê-lo aqui.

— Preciso me divertir um pouco, você sabe — comentou o jovem oficial, sorrindo para Sophia, que riu, como se todos eles estivessem muito confortáveis por fazerem parte do mesmo grupo.

Então Sophia e Edmund caminharam em direção ao salão de baile, observados pela tia ansiosa de Edmund. Eles formavam um belo casal, ela tinha que admitir: a beleza loura de Sophia de alguma forma enfatizada pelos cachos escuros de Edmund e suas feições talhadas, a boca inflexível sorrindo sobre a covinha no queixo. Ela captou o olhar do marido. Ambos sabiam que a situação estava prestes a fugir de controle. Talvez já tivesse fugido.

— Sr. James e lady Frances Wedderburn-Webster — anunciou o mordomo, e o duque deu um passo à frente para cumprimentar os recém-chegados.

— Lady Frances, como está adorável!

Ele reparou que o olhar preocupado de sua esposa ainda seguia os jovens amantes. Será que ainda havia algo que os Richmond pudessem fazer para contornar o problema? Mas o duque viu a preocupação no rosto da esposa e se inclinou na direção dela.

— Vou conversar com ele mais tarde. Ele vai voltar à razão. Sempre foi sensato.

Ela assentiu. Essa era a coisa certa a fazer. Resolver tudo mais tarde, quando o baile tivesse terminado e a garota ido embora. Houve uma movimentação na porta e a voz do mordomo cantou:

— Sua Alteza Real, o príncipe de Orange.

Um rapaz de aparência agradável se aproximou dos anfitriões, as costas muito eretas, e se lançou numa profunda reverência da corte.

O duque de Wellington não chegou muito antes da meia-noite, mas, quando o fez, estava muito tranquilo. Para intensa alegria de James Trenchard, o duque olhou ao redor do salão e, ao notar o comerciante, se aproximou.

— O que traz o Mágico aqui esta noite?

— Sua Graça nos convidou.

— É mesmo? Bom para você. A noite está sendo agradável até agora? James assentiu.

— Ah, sim, Sua Graça. Mas há uma boa dose de conversa sobre o avanço de Bonaparte.

— É mesmo? Por Deus! Esta senhora encantadora é a Sra. Trenchard? Ele era muito controlado, não havia dúvida disso.

Até Anne ficou nervosa ao se dirigir a ele como “duque”.

— A calma de Sua Graça é muito tranquilizadora.

— É assim que deve ser. — Ele riu gentilmente, virando-se para um oficial ali perto. — Ponsonby, você conhece o Mágico?

— Sem dúvida, Sua Graça. Passo boa parte do meu tempo do lado de fora do escritório do Sr. Trenchard, esperando para falar em favor dos meus homens. — Mas estava sorrindo.

— Sra. Trenchard, permita-me lhe apresentar sir William Ponsonby. Ponsonby, esta é a esposa do Mágico.

Ponsonby fez uma ligeira mesura.

— Espero que ele seja mais gentil com a senhora do que é comigo.

Ela sorriu também, mas, antes que pudesse responder, Georgiana, filha dos Richmond, se juntou a eles.

— Há vários rumores correndo pela sala.

Wellington assentiu sabiamente.

— Imagino que sim.

— Mas são verdadeiros?

Era uma garota de boa aparência, Georgiana Lennox, com uma expressão sincera e receptiva, e sua ansiedade só ressaltava a honestidade de sua pergunta e a ameaça que pairava sobre todos eles.

Pela primeira vez, a expressão do duque era quase séria quando ele olhou nos olhos dela.

— Receio que sim, lady Georgiana. Parece que vamos partir amanhã.

— Que terrível!

Ela se virou para ver os casais que giravam pela pista de dança, a maioria dos rapazes com uniformes de gala, enquanto conversavam e riam com suas parceiras. Quantos sobreviveriam à batalha que se aproximava?

— Que fardo pesado o senhor deve carregar. — Anne Trenchard também estava olhando para os homens. Ela suspirou. — Alguns desses rapazes vão morrer nos próximos dias, e, se quisermos vencer esta guerra, nem mesmo o senhor pode evitar isso. Não o invejo.

Wellington ficou no mínimo agradavelmente surpreso com esse comentário vindo da esposa de seu fornecedor, uma mulher de quem ele mal ouvira falar antes desta noite. Nem todo mundo entendia que não era apenas glória.

— Obrigado por pensar assim, senhora.

Neste momento, eles foram interrompidos pelo som de um grupo com gaitas de foles, e os dançarinos deixaram a pista de dança para dar lugar a uma tropa dos Gordon Highlanders. Este foi o *coup de théâtre* da duquesa, que ela havia implorado a seu oficial superior, citando seu sangue Gordon como justificativa. Uma vez que os Highlanders tinham sido fundados por seu pai falecido vinte anos antes, o comandante não tinha muita chance de recusar, por isso teve o prazer de atender ao pedido da duquesa. A história não registra sua verdadeira opinião sobre ser obrigado a emprestar seus homens para tocar a peça principal de um baile na véspera de uma batalha que decidiria o destino da Europa. De qualquer forma, a apresentação foi um alento para os escoceses presentes e divertida para seus vizinhos ingleses, mas os estrangeiros ficaram niti-

damente confusos. Anne Trenchard percebeu que o príncipe de Orange olhou ironicamente para seu ajudante de ordens, revirando os olhos por causa do barulho. Mas os homens começaram a dançar o *reel*, e logo a paixão e o vigor de sua dança superaram os cétricos, entusiasmando os convidados até que mesmo os príncipes confusos da velha Alemanha começaram a reagir, vibrando e batendo palmas.

Anne se virou para o marido:

— Parece inacreditável que eles enfrentarão o inimigo antes de o mês acabar.

— O mês? — James deu uma risada amarga. — Está mais para a semana.

Enquanto ele falava, a porta se abriu, e um jovem oficial que não tinha parado para limpar a lama das botas irrompeu no salão, vasculhando-o até encontrar seu comandante, o príncipe de Orange. Ele fez uma mesura, pegou um envelope, o que imediatamente chamou a atenção de todos os convidados. O príncipe assentiu, parou e depois foi até o duque. Entregou-lhe a mensagem, mas o duque a guardou sem ler em um bolso do colete quando o mordomo anunciou a ceia.

Anne sorriu apesar de seu mau pressentimento.

— Você deve admirar o controle dele. Pode ser uma sentença de morte para o próprio Exército, mas ele prefere se arriscar a demonstrar o menor sinal de preocupação.

James assentiu.

— Ele não se abala facilmente, sem dúvida.

Mas ele notou a esposa franzir a testa. Entre a multidão que se dirigia para a sala de jantar, Sophia ainda caminhava com visconde Bellasis.

Anne lutou para não demonstrar sua impaciência.

— Diga a ela para jantar conosco, ou pelo menos com outra pessoa.

James negou com a cabeça.

— Diga você a ela. Não vou fazer isso.

Anne assentiu e se aproximou do jovem casal.

— Não deixe Sophia monopolizá-lo, lorde Bellasis. O senhor tem muitos amigos no salão que ficariam felizes de poder ter notícias suas.

Mas o rapaz sorriu.

— Não se preocupe, Sra. Trenchard. Estou onde quero estar.

O tom de voz de Anne ficou um pouco mais determinado. Ela bateu na palma da mão esquerda com o leque dobrado.

— Está muito bem, lorde. Mas Sophia tem uma reputação a zelar, e a generosidade de suas atenções podem colocá-la em risco.

Esperar que Sophia ficasse em silêncio era pedir demais.

— Mamãe, não se preocupe. Gostaria que me desse crédito por um pouco de sensatez.

— Eu gostaria de poder fazer isso.

Anne estava perdendo a paciência com sua filha tola, apaixonada e ambiciosa. Mas percebeu alguns dos casais olhando para eles e recuou, para não ser vista discutindo com a filha.

Um pouco contra a vontade do marido, escolheu uma mesa lateral tranquila, sentando-se entre alguns oficiais e suas esposas enquanto observavam os convidados mais importantes. Wellington foi acomodado entre lady Georgiana Lennox e uma criatura encantadora em um vestido de noite azul, com decote, bordado com fios de prata. Naturalmente, ela usava diamantes requintados, e riu de modo diligente, exibindo dentes brancos deslumbrantes, depois olhou para o duque meio que de soslaio, por trás de seus cílios escuros. Era óbvio que lady Georgiana estava achando a competição bastante cansativa.

— Quem é a mulher à direita do duque? — perguntou Anne ao marido.

— Lady Frances Wedderburn-Webster.

— É claro. Ela chegou logo depois de nós. Parece muito confiante no interesse do duque.

— E tem toda a razão de estar.

James deu uma piscadela e Anne olhou ainda mais curiosa para a beleza. Não pela primeira vez, ela se perguntou como a ameaça da guerra, a presença próxima da morte, parecia aumentar as possibilidades da vida. Muitos casais naquela mesma sala estavam arriscando suas reputações e até mesmo a felicidade futura para ter alguma satisfação antes que o chamado às armas os separasse.

Houve uma movimentação na porta do outro lado da sala, e ela olhou nessa direção. O mensageiro que tinham visto antes estava de volta, ainda

com suas botas de montaria enlameadas, e mais uma vez se aproximou do príncipe de Orange. Eles conversaram brevemente, depois o príncipe se levantou, atravessou a sala até Wellington, então se inclinou e sussurrou em seu ouvido. A essa altura, a atenção dos convidados tinha sido completamente capturada e o som do burburinho em geral começou a diminuir. Wellington se levantou. Conversou por um momento com o duque de Richmond e eles já tinham começado a se dirigir para fora da sala, quando Wellington parou. Para espanto dos Trenchard, olhou em volta e foi até a mesa em que estava o casal, para a emoção de todos sentados ali.

— Você. Mágico. Pode vir conosco?

James ficou de pé, abandonando a ceia no mesmo instante. Os outros dois homens eram altos, e ele se parecia um pouco com um bobo da corte gordo entre dois reis... o que ele era mesmo, como Anne foi obrigada a reconhecer.

O homem à sua frente na mesa não conseguiu esconder a admiração:

— Seu marido sem dúvida tem a confiança do duque, senhora.

— Parece que sim.

Mas, para variar, ela realmente sentia muito orgulho dele, o que causava uma sensação agradável.

Quando abriram a porta do quarto de vestir, um camareiro assustado, flagrado pegando uma camisola, ergueu os olhos e se deparou com o comandante em chefe.

— Pode nos deixar a sós por um momento? — perguntou Wellington, e o laçao quase engasgou ao se retirar. — Você tem um bom mapa da área?

Richmond murmurou que sim e, puxando um grande exemplar das prateleiras, abriu-o para mostrar Bruxelas e os campos ao redor. Wellington estava começando a revelar a raiva que tão bem escondera mais cedo na sala de jantar.

— Napoleão me tapeou, por Deus. Orange recebeu uma segunda mensagem, esta do barão Rebecque. Bonaparte subiu a Charleroi para a estrada de Bruxelas e está se aproximando. — Ele se inclinou sobre o mapa. — Dei ordens para o Exército se concentrar em Quatre Bras, mas não vamos detê-lo lá.

— Você consegue. Tem algumas horas antes do amanhecer.

Richmond não acreditava nas próprias palavras mais do que o grão-duque.

— Se eu não conseguir, terei de lutar com ele aqui.

James se esticou para ver o mapa. A ponta do dedo do duque estava sobre uma pequena aldeia chamada Waterloo. Parecia estranhamente irreal que, um minuto depois de comer com tranquilidade sua ceia em um canto qualquer, ele estivesse no quarto de vestir do duque de Richmond, a sós com ele e o comandante em chefe, no centro dos acontecimentos que mudariam a vida de todos.

E então Wellington se dirigiu a ele pela primeira vez desde que tinham chegado ali.

— Vou precisar da sua ajuda, Mágico. Você entende? Vamos primeiro para Quatre Bras e, em seguida, quase certamente, para... — Ele fez uma pausa para verificar o nome no mapa. — Waterloo. Um nome bem estranho para se qualificar para a imortalidade.

— Se alguém pode torná-lo imortal, esse alguém é o senhor, Sua Graça.

Nos valores relativamente simples de James, um pouco de adulação quase nunca era errado.

— Mas você tem informação suficiente?

Wellington era um soldado profissional, não um amador atrapalhado, e James o admirava por isso.

— Tenho. Não se preocupe. Não vai ser por falta de suprimentos que vamos falhar.

Wellington olhou para ele. Quase sorriu.

— Você é um homem brilhante, Trenchard. Deve usar bem seus talentos quando as guerras acabarem. Acredito que tem potencial para ir longe.

— Sua Graça é muito gentil.

— Mas não deve se distrair com as futilidades da sociedade. Você é mais esperto do que isso, ou deveria ser, e vale muito mais do que a maioria dos pavões que estão no salão de baile. Não se esqueça disso. — Ele pareceu ouvir uma voz lhe dizendo que a hora havia chegado. — Já chega. Devemos nos preparar.



Quando saíram, os convidados já estavam bastante agitados e ficou claro que o boato havia se espalhado. Os cômodos cheios de flores, tão perfumados e elegantes no início da noite, foram tomados por cenas de despedidas angustiantes. Mães e meninas choravam abertamente, agarrando-se a seus filhos e irmãos, maridos e namorados, e abandonando toda a pretensa calma. Para surpresa de James, a banda ainda tocava, e, o que era ainda mais surpreendente, alguns casais continuavam dançando, embora fosse difícil entender como conseguiam fazer isso, rodeados de consternação e tristeza.

Anne seguiu na direção do marido antes que ele a encontrasse no meio da multidão.

— Devemos ir — disse ele. — Preciso ir direto para o depósito. Vou pôr você e Sophia na carruagem e seguirei a pé.

Ela assentiu.

— É a batalha final?

— Quem sabe? Acho que sim. Já nos juramos a cada batalha que era a final durante muitos anos, mas desta vez realmente acredito que seja. Onde está Sophia?

Eles a encontraram no corredor, chorando nos braços de lorde Bellasis. Anne agradeceu que o caos e a confusão que os cercavam ocultavam a loucura e a indiscrição dos dois. Bellasis sussurrou no ouvido de Sophia e depois a entregou à mãe:

— Cuide dela.

— Costumo fazer isso — retrucou Anne, um pouco irritada pela presunção do rapaz.

Mas a tristeza dele pela despedida o protegeu de seu tom. Lançando um último olhar para o objeto de suas afeições, ele correu para fora com um grupo de colegas oficiais. James tinha recuperado os xales e os agasalhos, e agora eles se viam no meio da multidão, caminhando para a porta. A duquesa não estava à vista. Anne desistiu de procurá-la e resolveu escrever a ela pela manhã, embora desse crédito à duquesa, supondo que ela não estaria muito preocupada com sutilezas sociais num momento como aquele.

Por fim, eles estavam no corredor externo, passando pela porta e, em seguida, do lado de fora, na rua. Havia uma confusão ali também, mas

menor do que dentro de casa. Alguns oficiais já estavam montados. Anne observou Bellasis no meio da confusão. Seu criado lhe trouxera o cavalo e o segurou enquanto seu senhor montava. Anne observou quando, por um segundo, Bellasis pareceu vasculhar a multidão em busca de alguém, mas, se a pessoa procurada era Sophia, a menina não reparou. Foi exatamente nesse momento que Anne ouviu um arquejo atrás dela. Sua filha estava olhando para o grupo de soldados abaixo deles.

— O que foi?

Anne não reconheceu nenhum dos homens.

Mas Sophia só conseguiu balançar a cabeça, embora fosse difícil dizer se era por tristeza ou horror.

— Você sabia que ele teria que ir — disse Anne abraçando a filha.

— Não é isso.

Sophia só conseguia olhar fixamente para um grupo de homens uniformizados. Eles começaram a se mover. Ela estremeceu e deixou escapar um soluço que parecia vir do fundo da alma.

— Minha querida, você deve se controlar.

Anne olhou ao redor, tentando se certificar de que não havia testemunhas para este momento.

Sua filha estava além de qualquer controle ou ordem. Ela tremia, como alguém com febre e sudorese, lágrimas escorrendo por seu rosto. Anne assumiu o comando:

— Venha comigo. Depressa. Temos de voltar antes que você seja reconhecida.

Juntos, ela e o marido arrastaram a garota trêmula pelas carruagens enfileiradas à espera, até que encontraram a deles e entraram. James saiu correndo, mas isso foi uma hora antes de o veículo conseguir se afastar das várias carruagens e Anne e Sophia seguirem para casa.



Sophia não saiu do quarto no dia seguinte, mas não importava, pois toda Bruxelas estava em estado de tensão e ninguém notou sua ausência. Será que a invasão varreria a cidade? Todas as jovens corriam perigo? Os ci-

dadões estavam arrasados. Deveriam ter esperança de vitória e enterrar seus objetos de valor para guardá-los para as tropas quando voltassem, ou seriam derrotados e deveriam fugir? Anne passou a maior parte do dia em contemplação e oração. James não tinha voltado para casa. Seu criado fora para o depósito levando uma muda de roupa e uma cesta de alimentos, embora ela quase tivesse sorrido diante da loucura de enviar provisões ao maior fornecedor de provisões que conhecia.

Em seguida, as notícias do combate em Quatre Bras começaram a se espalhar. O duque de Brunswick fora morto, baleado no coração. Anne pensou no homem moreno, de beleza selvagem, que ela vira dançando com a duquesa na noite anterior. Haveria mais notícias como essa antes que tudo acabasse. Ela olhou ao redor da sala de estar da sua casa alugada. Era boa o suficiente: um pouco grande para seu gosto, não grande o suficiente para James, com móveis escuros e cortinas de seda moiré branca com acabamento drapeado e sanefa franjada. Ela pegou seu bordado e o largou de novo. Como poderia costurar quando, a poucos quilômetros dali, homens que ela conhecia estavam lutando pela vida de todos? Fez o mesmo com um livro. Mas nem conseguia fingir se concentrar em uma história fictícia, quando um conto tão selvagem estava acontecendo perto o suficiente para que eles ouvissem o barulho dos canhões. Seu filho Oliver entrou e se jogou em uma cadeira.

— Por que não está na escola?

— Eles nos mandaram para casa. — Ela assentiu. Claro que sim. Os professores deviam estar fazendo os próprios planos de fuga. — Alguma notícia do meu pai?

— Não, mas ele não está em perigo.

— Por que Sophia está na cama?

— Ela não está se sentindo bem.

— É por causa de lorde Bellasis?

Anne olhou para ele. Como o rapaz sabia dessas coisas? Ele tinha dezesseis anos. Nunca estivera em nada que pudesse ser remotamente chamado de sociedade.

— Claro que não — disse ela.

Mas o garoto apenas sorriu.



Anne só voltou a ver o marido na terça-feira de manhã. Ela estava tomando café no quarto, apesar de já ter saído da cama e se vestido, quando ele abriu a porta, parecendo que havia estado no meio da lama e da poeira do campo de batalha. A saudação dela foi bastante simples.

— Graças a Deus — disse.

— Conseguimos. Napoleão está fugindo. Mas nem todos estão seguros.

— Imagino que não, pobres almas.

— O duque de Brunswick morreu.

— Eu soube.

— Lorde Hay, sir William Ponsonby...

— Ah. — Ela se lembrou do homem de sorriso gentil que a provocara sobre a firmeza do marido. — Que triste. Ouvi dizer que alguns deles morreram ainda usando os uniformes de gala do baile.

— É verdade.

— Devemos orar por eles. Sinto que nossa presença lá naquela noite faz com que tenhamos algum tipo de conexão com todos eles, coitados.

— De fato. Mas há outra vítima com a qual você não terá que imaginar uma ligação. — Ela olhou para ele na expectativa. — Visconde Bellasis foi morto.

— Ah, não. — Ela levou a mão ao rosto. — Eles têm certeza?

O estômago de Anne se revirou. Por quê, exatamente? Era difícil dizer. Será que ela acreditava que havia uma chance de que Sophia tivesse razão e agora a grande oportunidade da filha estava perdida? Não. Ela sabia que era uma fantasia, mas ainda assim... Que terrível.

— Fui lá ontem. No campo de batalha. Foi uma visão horrível.

— Por que você foi?

— Negócios. Por que sempre faço o que quer se seja? — Ele se arrependeu do seu tom de voz cáustico. — Ouvi dizer que Bellasis estava na lista de vítimas e pedi para ver o corpo. Era ele, então, sim, tenho certeza. Como está Sophia?

— Uma sombra de si mesma desde o baile, sem dúvida temendo a notícia que agora temos de dar a ela. — Anne suspirou. — Acho que devemos lhe contar antes que ela ouça de outra pessoa.

— Vou falar com ela.

Anne ficou surpresa. Este não era o tipo de tarefa para a qual James costumava se oferecer.

— Acho que devo ser eu a dizer. Sou a mãe.

— Não. Eu vou contar. Você pode encontrá-la depois. Onde ela está?

— No jardim.

Ele saiu enquanto Anne ponderava sobre sua conversa. Então era assim que a loucura de Sophia ia terminar: não em escândalo, felizmente, mas em tristeza. A garota tivera seus sonhos e James a encorajara, mas agora virariam pó. Eles nunca saberiam se Sophia estava certa, e Bellasis tinha planos honrosos, ou se ela, Anne, é que tinha razão e Sophia não passara de uma boneca encantadora com a qual brincara enquanto ele estava em Bruxelas. Ela foi se sentar junto à janela. O jardim abaixo fora planejado no modo formal que ainda era admirado na Holanda, apesar de já ter sido abandonado pelos ingleses. Ao lado de um caminho de cascalho, Sophia estava sentada num banco, com um livro fechado a seu lado, no momento em que o pai saiu da casa para ir até ela. James falava enquanto se aproximava e se sentava ao lado da filha, pegando sua mão. Anne se perguntou que palavras ele escolheria. Parecia que ele não seria apressado por nada, e falou por um tempo, muito gentilmente, antes de Sophia de repente se encolher como se tivesse sido atingida. Com isso, James a tomou em seus braços e ela começou a chorar. Anne poderia ao menos ficar feliz por seu marido ter sido tão amável como sabia ser ao dar a terrível notícia.

Mais tarde, Anne se perguntaria como podia ter tanta certeza de que esse era o fim da história de Sophia. Mas então, como disse a si mesma, quem saberia melhor do que ela que olhar para trás oferece um prisma que muda tudo? Ela se levantou. Era hora de descer e confortar a filha, que tinha acordado de uma bela fantasia em um mundo cruel.

A SAGA DE DUAS FAMÍLIAS E UM SEGREDO QUE PERDURA  
HÁ DÉCADAS, GUARDADO A SETE CHAVES EM UM DOS  
ENDEREÇOS MAIS EXCLUSIVOS DE LONDRES.

O passado, como já foi dito tantas vezes, é um país estrangeiro no qual as coisas eram feitas de forma diferente. Isso pode ser verdade... mas também há semelhanças. A ambição, a inveja, a raiva, a ganância, a bondade, o altruísmo e, sobretudo, o amor sempre foram e sempre serão poderosos a ponto de motivar as nossas escolhas. *Belgravia* é uma história sobre pessoas que viveram há dois séculos e, ainda assim, muito do que elas desejaram, muito do que se ressentiam e as paixões arrebatadoras em seus corações são bastante parecidas com os dramas que vivemos agora, em nosso tempo...

ISBN 978-85-510-0007-6



9 788551 000076

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)